

EÇA DE QUEIRÓS: DA LITERATURA AO CINEMA
— ALVES & CIA E AMOR E CIA.

ANCO MÁRCIO TENÓRIO VIEIRA*
(UFPB)

Com exceção do Evangelho de São João, todos os outros três livros canônicos assinalam em suas páginas um axioma (se assim podemos chamar) que diz: “nada há de encoberto que não venha a ser descoberto, nem de oculto que não venha a ser revelado” (Mt., 10,26).¹

Não é por um mero acaso ou por um tolo capricho de erudição que estou iniciando este ensaio com uma passagem bíblica. Desde o momento em que me detive sobre a novela *Alves & Cia*, que esse axioma tão contundente, parecendo encerrar uma verdade absoluta, não mais me saiu da memória. O leitor pode pensar que por se tratar de mais uma obra a explorar a temática do adultério, assunto recorrente ao longo dos oitocentos, e não só por Eça de Queirós mas por quase todos os seus contemporâneos ocidentais ou ocidentalizados, a presente novela nada mais faz do que reafirmar o que os três evangelistas sinóticos escreveram: nenhuma traição, seja ela marital, seja ela vinda de um amigo, por mais que possa permanecer encoberta e oculta ao longo dos anos, deixará algum dia de ser descoberta ou revelada.

Mas o curioso é que esse axioma tornou-se recorrente na minha memória pelo oposto do que ele encerra quando aplicado ao texto de Eça. Na contracorrente do axioma bíblico, a tese desenvolvida pelo narrador de *Alves & Cia* é que nem sempre algumas verdades ou mentiras serão de todo reveladas ou conhecidas. O que vai se alinhando ao longo dessa obra, é que seja qual for o tipo de realidade que se apresente perante o homem, ficcional ou não, toda ela é passível de suspensão.

* Anco Márcio Tenório Vieira, doutor em Literatura Brasileira (UFPB) e gerente do Instituto de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco (Recife).

¹ Esta citação bíblica foi extraída d'*A Bíblia de Jerusalém*. 6º ed. Trad.: Euclides Martins Balancin et alii. São Paulo: Edições Paulinas, 1993. Esse mesmo axioma vamos encontrar nos sinóticos Mc., 4,22 e Lc., 12,2.

No que se refere especificamente a Godofredo da Conceição Alves, o personagem “traído” por sua cômpute, vemos, a cada parágrafo em que se desenvolve a novela, uma mesma pergunta ser reiterada, tanto pelo próprio protagonista, quanto pelos outros personagens e até mesmo pelo narrador: se o que fora presenciado por Godofredo “através do reposteiro meio corrido” era precisamente o que de fato ocorrera? Ou, mais precisamente, se a sua leitura sobre aquela suposta cena de “adultério” teria sido a mais conscienciosa?

Segundo a descrição do narrador, o que Godofredo da Conceição Alves viu naquele dia que marcava o quarto aniversário do seu casamento foi que “diante duma mesinha onde havia uma garrafa de vinho do Porto, Lulu [sua esposa], de *robe de chambre* branca, encostava-se, abandonada, sobre o ombro dum homem que lhe passava o braço pela cintura, contemplando-lhe o perfil com o olhar afogado em languidez. O homem era o Machado.”² E quem vinha a ser esse Machado senão o seu sócio, então com a idade de 26 anos, bonito, “bigodito louro, o cabelo anelado e um certo ar de elegância” (p. 427), motivo de admiração do próprio Godofredo, pois se na firma ele, Godofredo, um senhor de 37 anos que achava seu nome ridículo, “representava a boa conduta, a honestidade doméstica, a vida regular, a seriedade de costumes, Machado representava a finura comercial, a energia, a decisão, as largas idéias, o faro do negócio” (p. 427). Se Machado era um homem que volta e meia estava com um “negociozito” (era assim como ele denominava seus casos amorosos), Godofredo, educado dentro dos princípios jesuíticos, nunca em sua vida de solteiro tivera uma aventura amorosa; e isso o levava a ter pelas “‘tolices’ do Machado uma vaga e simpática indulgência” (p. 427). Além do mais, Godofredo, ao contrário do seu sócio, tinha uma “natureza indolente”, ligeiramente romântica, que herdara de sua mãe, uma senhora que apreciava música, poesia e que com o passar dos anos fora se tornando uma severa devota do Senhor dos Passos, e que, segundo o narrador, vivenciou nos seus últimos dias “um longo terror do Inferno!” (p. 428). Criado nesse ambiente, a juventude de Godofredo se deu entre a leitura dos versos de Almeida Garrett e o pio devotamento ao Coração de Jesus. Mesmo depois de assumir a casa de comissão do seu tio, quando passou a ver a vida pelo seu lado prático e material, nunca conseguiu se livrar de um certo “sentimentalismo romântico” (p. 428). Sentimentalismo esse que o levava a gostar de teatro — particularmente os dramalhões —, apreciar os incidentes violentos, as grandes ações e paixões dos homens, sentindo-se “por vezes [que seria] capaz dum heroísmo ou duma tragédia” (p. 428). Mas o fato é que se todos os excessos românticos lhe

² Eça de Queiroz. Alves e C.^a. In *Obras de Eça de Queiroz*. Porto: Lello & Irmão - Editores, s/d, v. III, p. 431. As citações que faremos desta novela serão no próprio corpo do texto e não em notas de rodapé.

avivavam o interesse, “decerto não pensara nunca em lhes provar o mel ou as amarguras! Não; ele era um homem casto que amava a sua Lulu; somente gostava de as ver no teatro ou nos livros” (p.428).

Descrevendo os valores morais e éticos de Godofredo e enfatizando o seu perfil psicológico como o de um homem indolente e tomado de um certo e insuperável sentimentalismo romântico, o narrador, de certa forma, está como que determinando que a traição de Ludovina flagrada por Godofredo poderia ser fruto apenas da sua imaginação, da forma como ele lê ou se coloca perante o mundo que o circunda, que passa tanto por pretender se mostrar um homem prático e material nos negócios, mantendo um “ar de sólida prosperidade” (p. 436), e levando uma vida doméstica que, aos olhos da vizinhança, tenta responder às exigências da sociedade burguesa, quanto por alguém que não consegue se livrar do seu olhar romântico, subjetivo, sobre as coisas do mundo, e que admira nos outros tudo o que nele é indolência ou ausência de qualquer espírito de aventura.

Mas esse perfil psicológico, no qual os discursos tentam se harmonizar, parece se estender também ao modo como Ludovina se defende do flagrante. Esta, em pranto e com a voz tremida, perde-lhe perdão e afirma que “não tinha feito mal nenhum, e era só a primeira vez!...” (p. 433). Esse discurso cheio de dubiedade nos leva a perguntar: era só a primeira vez o quê? Que ela encostava-se sobre o ombro de Machado, deixando que este lhe passasse o braço sobre a cintura, ou a primeira vez que ela, na sua ausência, recebia a visita do seu sócio? Por outro lado, qual era de fato o “negociozito” que vinha sendo secretamente mantido por Machado nos últimos tempos, levando-o a se ausentar do escritório quatro ou cinco vezes só naquele mês, inclusive naquele dia, especificamente?

Acusada de prostituta e ameaçada de ser colocada na rua, Ludovina muda o discurso e passa a acusar Machado como o único culpado pelo que acontecera. Afirma que tudo tivera início há quatro meses, logo depois que ele, Machado, abandonara o seu caso amoroso com a atriz do Teatro D. Maria. A partir daí, passara a lhe tentar através de cartas e de visitas que eram sempre realizadas na ausência de Godofredo, “e um dia, enfim, quase à força” (p. 435). Duvidando sobre a verdade enunciada por Ludovina e reafirmando que o que vira era de fato uma cena de adultério, Godofredo sai em busca do maço de cartas que supostamente Machado teria escrito para a sua esposa e, confirmando as suas desconfianças, descobre que ela mentira: as missivas eram dela. Entre frases de “Meu anjo adorador” ou “meu amor”, está uma que vai alimentar ainda mais a sua ira: “Ai, quem me dera ter um filho teu...” (p.436). Em todas elas um fato em comum: nenhuma trazia o nome do suposto amante, muito menos foram postadas; é como se Ludovina tivesse escrito somente para si. Mais: talvez nem fossem cartas, apenas uma espécie de diário romanceado, onde ela tentava descrever e refletir sobre o seu cotidiano de mesmice.

Expulsa Ludovina do sobrado da Rua São Bento (mas sem antes que o seu sogro, sob o argumento de que não tinha meios para manter a sua filha e que além do mais seria necessário alguns meses na praia para evitar o falatório das pessoas, arrancasse-lhe uma boa pensão), Godofredo, abatido, pálido, envelhecido, volta-se para o acerto de contas com Machado. Acerto de contas esse que, no seu desenvolver, torna-se, bem ao espírito do personagem, um grande dramalhão; dramalhão que até então ele só tivera a oportunidade de conhecer através dos confortáveis teatros da cidade, e apenas como um mero espectador passivo.

II

Primeiro, Godofredo pensa em propor a Machado um duelo. Logo em seguida vê que é uma idéia absurda, as pessoas iriam rir deles, e sugere que um dos dois tire a sorte e, dependendo do resultado, suicide-se. Machado acha uma idéia de louco e a recusa. E aqui novamente temos um diálogo, onde a cena do adultério presenciada por Godofredo, e tomada por ele como tal, mais uma vez é colocada em dúvida. Este, ante a negativa do seu sócio, acusa-lhe de ter, no dia anterior, fugido covardemente da sua casa quando foi flagrado em adultério com a sua esposa. A resposta de Machado é desconcertante para quem está a fazer acusações aparentemente tão convincentes: “— Fugir a quê?.” Segundo o narrador: “Uma cólera surda invadia-o, acendia-lhe os olhos. Todas as acusações do outro o tinham exasperado. Depois, vinha aquela proposta absurda dum suicídio tirado à sorte. Agora insultava. Não! Isso não o toleraria! E já excitado:// — Fugir de quê — gaguejou — fugir de quê? Eu não fujo de coisa nenhuma...” (p. 453). E diante de tal assertiva sobre a sua própria inocência, Machado propõe a Godofredo um duelo de morte, mas com quatro testemunhas.

Ora, ao responder que não fugira da casa de Godofredo, e pelo simples fato de que nada estava a fazer que o impulsionasse a tal atitude, Machado está negando que no dia anterior tivesse cometido um ato de covardia. Porém, logo em seguida, numa segunda resposta em que reitera sua assertiva anterior — “Fugir de quê?” —, é tomado de uma gagueira; gagueira que tanto pode estar denunciando o seu estado de cólera, quanto colocando em dúvida a veracidade do que estava afirmando com aparente convicção. Cena que, de certa forma, se avizinha da que fora presenciada por Godofredo quando do seu embate com a sua esposa: em um primeiro momento, uma atitude de resignação; num segundo instante, a defesa pelo ataque.

A dúvida colocada pelo narrador persiste: houve ou não uma cena de adultério, pois, como já vimos, ora os envolvidos parecem afirmar que sim, ora deixam dúvidas no ar. Dúvidas que levam Godofredo a ficar cada vez mais só,

“com as ruínas lamentáveis da sua grande idéia, humilhado, confuso, encavacado, com as fontes a latejar, e sem saber o que havia de fazer!” (p. 453).

Diante do desejo de ver o seu sócio morto, aos seus pés, com uma bala no coração, uma pergunta não vai lhe deixar em paz: onde arranjar quatro testemunhas que aceitassem participar de tão difícil tragédia? E aqui começa o dramalhão que apenas reforça o espírito romântico e aparentemente lunático do personagem.

Inicialmente, tentaria convencer Carvalho e Teles Medeiro, seus amigos íntimos. Procurados, tanto um quanto o outro tentam se desvencilhar de tamanha empreitada, principalmente porque Godofredo só aceita o duelo se uma das armas estiver carregada, o que, para eles, não era mais um duelo, e, sim, um assassinato. Carvalho chega a sugerir, reforçando mais uma vez a dúvida sobre se o que acontecera poderia ser classificado como adultério, que “se Godofredo não vira mais nada... se era só estarem na sala... Podia ser uma brincadeira, uma tolice...” (p. 455). Em cima desse argumento, tanto Carvalho quanto Medeiros (este, inclusive, mantinha um caso amoroso com uma mulher casada) procuram reforçar a idéia de que não havia nenhum motivo para se levar adiante um duelo (Medeiros, certamente, legislava em causa própria). Tentando embasar seus argumentos, ambos consultam os seus amigos Nunes Vidal — “rapaz de experiência em coisas de honra” — e Albertinho Cunha. Depois de ler as cartas e ouvir o relato do acontecido, a conclusão de Vidal (na verdade, uma suposta conclusão, porque tudo que nos é dado saber sobre o que ele pensou ou deixou de pensar sobre o caso, nos vem somente através dos depoimentos de Carvalho e Medeiros) é que nenhum motivo havia para se derramar sangue, pois o que houvera fora um “simples namoro” (p.463).

Ao tempo em que se consolida, no melhor espírito romântico, o dramalhão que passa a ser a vida de Godofredo, vemos crescer, de parágrafo em parágrafo, a incerteza sobre se de fato existiu ou não um relacionamento amoroso entre Ludovina e Machado. Agora não mais está em questão os discursos dúbios dos dois supostos amantes, mas o que pouco a pouco vai sendo concluído, de maneira aparentemente balizada, parcial, pelos amigos de Godofredo. E neste crescendo de dúvidas — dúvidas que levam Godofredo cada vez mais a um estado psicológico que vai da desolação a uma certa euforia contida —, nasce um dos diálogos que vai definir o rumo que a partir daquele momento a vida, as idéias e as decisões do nosso personagem irão tomar.

— Esse é que é o único ponto — exclamou Medeiros. — Esse ponto é que se não pode negar, porque tu viste, com os teus olhos. Mas o Machado explicou ao Vidal. E o Vidal explicou-nos a nós. Era uma brincadeira, era a rir, era a fazer cócegas!...

— E a carta: *Que tarde a de ontem?* - exclamou Godofredo.

— Disse o Vidal que naturalmente se refere a um passeio que vocês deram a Belém... Vocês foram a Belém?

Godofredo refletiu um momento. Sim, tinham ido a Belém... Era verdade que tinham todos três ido a Belém.

— Então, aí tens. Era a lembrar o prazer de terem ido todos, de patuscada, de passeata...

— De modo que — exclamou Godofredo — fica tudo nisto: não há nada, tenho de tragar a afronta!

Medeiros ergueu-se, indignado. Ora essa, então por quem o tomava ele? Tinha ou não Alves posto a sua honra nas mãos dele e do Carvalho? Tinha. Então não podia supor que eles, seus amigos, o deixassem na lama, miseravelmente...

— Mas... — murmurou Alves.

— Mas, o quê? Está claro que te hás-de bater. Foi o que se decidiu, não há motivo para que seja à pistola, porque foi simples namoro. Mas como o Sr. Machado não tem o direito de namorar tua mulher, há todos os motivos para que seja à espada, um duelo mais simples... Vamo-nos encontrar logo com eles em minha casa, às oito horas, e combinar tudo” (p. 464).

Entre réplicas e trélicas, argumentos e contra-argumentos, consolida-se a idéia de um simples namoro, como desde o início parecia estar convicto, ou simplesmente estava desejando, Carvalho. Pois Nunes Vidal — “rapaz de experiência em coisas de honra” — em momento algum se convencera de que houvera uma traição do Machado, assim como “a Sr.^a D. Ludovina era inocente, completamente inocente, e que não houvera mais do que umas cartas tolas trocadas, e aquele abraço...” (p. 467-468). Diante, cada vez mais, de tão poucas certezas, Godofredo ainda é alertado — alerta que o traz de volta para o lado prático e material da vida — que a realização de um duelo poderia levar as pessoas a pensar que houvera de fato um adultério, o que àquela altura era uma idéia completamente descartável. O duelo o colocaria numa posição ridícula perante a sociedade, além de ainda poder prejudicar sua firma comercial. Fazia-se necessário manter as aparências com o Machado, mesmo que fosse através de relações estritamente comerciais. Apesar do sacrifício que certamente seria para Godofredo, isso calaria a boca da sociedade, salvaria-o do ridículo, evitaria qualquer prejuízo para a sua firma, conservaria a imagem incólume da sua esposa, e não afastaria o sócio, que sempre fora tão necessário ao bom andamento da firma e, quem sabe, assinala Medeiros, ele ainda pudesse conservar o amigo (p. 469):

Então uma fadiga imensa invadiu Godofredo. Veio-lhe um desejo intenso de não pensar mais naquele desgosto, não falar mais no caso, dormir tranqüilo; e cedeu, abandonou-se, perguntou com a voz trêmula:

— Então vocês acham, em vossa honra, que assim fica tudo bem?...

— Achamos! — responderam ambos.

Godofredo apertou a mão a um, depois ao outro, comovido, quase com lágrimas:

— Obrigado, Carvalho. Obrigado, Medeiros.

E para tapar as bocas do mundo, foram os três para o Passeio Público, onde havia, nessa noite, iluminações e fogo preso. (p. 469).

Há nesta passagem aparentemente conclusiva, uma dúvida: Godofredo estaria de fato convencido dos argumentos dos amigos e, por extensão, dos de Ludovina e de Machado, ou simplesmente preferiu a tranquilidade social e financeira em detrimento de ter toda uma vida arruinada por um gesto tresloucado? Ou ainda se a vida, de fato, poderia ser-lhe um pouco mais doce se pudesse acreditar que não fora traído, que as duas pessoas que ele mais amava nunca lhe foram desleais? Creio que este enigma, e talvez seja esse o grande mérito da novela *Alves & Cia*, nunca possa ser decifrado.

III

O fato é que, passada a turbulência, a vida de Godofredo vai pouco a pouco voltando a seu normal. A necessidade de ter que conviver diariamente com o Machado, tão dolorosa no início, vai pouco a pouco se dissipando. O que não se dissipa é o caos que a cada dia vai se estabelecendo na sua vida doméstica, principalmente quando chega a noite e, com ela, a solidão. Mas um dia, passados alguns meses, o inevitável acontece, ele avista Ludovina, e isso lhe deixa perturbado, trêmulo, como que a denunciar o quanto ele ainda amava a sua esposa. Uma semana depois desse acontecido, volta a avistar novamente a sua esposa, e ao contrário do que acontecera da primeira vez, ele se faz ver: “E de lado, tremendo todo, viu-a baixar os olhos e corar, perturbada” (p. 474). Nessa noite não pregou os olhos. No terceiro encontro, não se conteve, dirigiu-lhe a palavra, falou do caos doméstico em que se tornara sua vida, e a convida para visitá-lo, e no dizer de Manuel Bandeira: “Os céus se misturaram com a terra/ E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas” (“Teresa”). Como nos fala o narrador, “a vida de Godofredo foi calma e feliz” (p. 478).

Mas a questão do adultério, como que a permear e perseguir o espírito de quem uma dia se sentiu traído, volta à tona quando, certa manhã, avista a sua esposa recebendo das mãos da criada uma carta. Pensa novamente no Machado, e jura para si “que desta vez não haveria conferência, nem consultas, nem testemunhas — mas que entraria no escritório e lhe meteria à queima roupa uma bala no coração” (p. 479). Na recusa de Ludovina em lhe entregar a carta, ele, entre ameaças de que “Vais para um convento!... Mato-te!” (p. 479), arranca-a de si e descobre que era somente uma missiva de uma certa Maria do Carmo agradecendo-lhe a esmola que lhe fora oferecida. Entre arrependimentos e choros, Godofredo “se lembrou das suas suspeitas da manhã e da sua cólera contra o Machado: lá pensara outra vez em matar o Machado! E sentia agora a necessidade de o tornar a ver, apertar-lhe profundamente a mão... votando-lhe nesse momento uma amizade maior, não sei que vago reconhecimento que o

enternecia” (p. 480). Assim, Godofredo reata de vez a amizade com Machado, chegando a convidá-lo, dias depois, para jantar em sua casa. Apesar do constrangimento de Machado e Ludovina ao se encontrarem pela primeira desde o fatídico dia do “adultério”, Godofredo lembra ao seu sócio que “quando há boa educação, tudo vem sempre a acabar bem!” (p. 482).

O incidente do adultério parece ter se transformado, para o próprio Godofredo, em um simples arroubo de uma mente romântica, que ao ver a realidade com olhos subjetivos, deturpava-a. Essa observação se casa com uma outra, de gosto acaciano, que ele volta e meia passa a repetir para Machado: “que coisa prudente é a prudência” (p. 484). É como se ele aclamasse a vitória do racionalismo, do bom-tom, sobre o irracionalismo, o desvairio, a falta de comedimento. O fato é que Godofredo, como nos sugere o narrador, sempre, ao longo da sua vida, permanecerá em dúvida se fora ou não traído: “Tinha estendido os braços compassivos à mulher culpada e ao amigo desleal; e com este simples abraço, fizera para sempre da sua mulher uma esposa perfeita, do seu amigo um coração fiel” (p. 484). Entre as certezas e as dúvidas que nunca lhe abandonaram, temos, trinta anos depois do acontecido, o último diálogo entre os sócios, diálogo que parece retomar mais uma vez as hesitações de Godofredo:

Às vezes, pensando nisto [na imprudência que poderia ter cometido], Alves não pode deixar de sorrir com satisfação. Bate então no ombro do seu amigo, lembra-lhe o passado, diz-lhe com um sorriso:

— E nós que estivemos para nos bater! A gente em novo sempre é muito imprudente... E por causa duma tolice, amigo Machado!

E o outro responde, sorrindo também:

— Por causa duma tolice, Alves amigo (p. 484-485).

Passado tantos anos, a suspeita parece ainda perdurar na consciência de Godofredo, mas, agora, no crepúsculo da sua vida, os incidentes do passado passam a ser vistos como simples imprudência da juventude, uma mera tolice, se comparados com a paz doméstica e a prosperidade comercial que a vida lhe presenteou.

IV

Se na novela de Eça a convicção de Godofredo de que fora traído corre paralela a uma constante incerteza sobre a verdade dos fatos — o personagem envelhece sem nunca saber o que de fato ocorrera naquela tarde em sua casa, se tudo teria sido apenas uma mera tolice, um simples namorico ou realmente um caso de adultério —, colocando em suspensão a verdade do axioma bíblico a

que aludimos no início desta exposição, no filme de Helvécio Ratton, *Amor & Cia*, produzido em 1988, em momento algum o nosso personagem parece ter dúvidas de que fora vítima de uma traição marital. Mas essa convicção é colocada de lado, quando ele percebe que é melhor calar, deixar tudo como dantes, do que ver a sua vida pessoal e financeira ruir.

Ao contrário do que lemos na novela de Eça, a Ludovina de Helvécio Ratton em momento algum acusa Machado como o único culpado por tudo aquilo que acontecera. Ela tenta se desvencilhar da situação sob o argumento de que ela e Machado apenas conversavam, de que nada havia entre eles, e que aquela fora apenas a primeira vez. Não menciona as cartas que, por sua vez, serão descobertas por Godofredo apenas por um mero acaso. A mesma postura vamos encontrar no seu sócio, que vai ao seu encontro, acabrunhado, humilde, ciente da gravidade que cometeu. A atitude do nosso personagem pouco se parece com a do seu congêneres da novela de Eça. Aqui não vamos encontrar um homem impregnado de “sentimentalismo romântico”, e, sim, alguém que tenta conduzir a desventura que o destino lhe imputou dentro de certos parâmetros racionais, contendo qualquer ímpeto desvairado que possa macular a sua imagem. Não obstante sua ânsia e um certo tom cômico, muito bem representados pelo ator Marcos Nanini, de dar um fim a toda aquela desventura que caiu sobre a sua vida. E é dentro dessa postura, que ele propõe ao seu sócio um duelo (e não um suicídio tirado à sorte, como é reivindicado na novela), mas em que apenas um dos revólveres esteja munido de bala. Sem nunca questionar a sua culpa, Machado acha a idéia de Godofredo uma coisa de louco, e só aceita um duelo normal, com os dois revólveres carregados. Acusado de fugir das suas obrigações, assim como fizera no dia anterior na sua casa, Machado afirma que não irá fugir, que para ele o duelo tanto pode ser à espada ou à pistola, desde que ele, Godofredo, arranje os padrinhos.

A proposta de Godofredo de um duelo com apenas uma das armas carregada não é fruto de um desvairio da sua personalidade, mas resultado de uma certa lógica “científica”. Na luta para arrombar a porta do quarto onde Ludovina se trancara, ele desloca o braço. Mais tarde, enquanto o seu médico o enfaixa, ele comenta que um amigo seu fora traído pela esposa. Pergunta-lhe como este agiria, se fosse com ele. O médico lhe responde que mataria o amante com uma bala e depois “calaria a boca suja dos criados”. Mas caso tivesse que haver um duelo, que fosse a dois passos, pois, e aqui vem a lógica “científica”, tiro à distância não mata, apenas aleija, o mesmo acontecendo com o ferimento de espada, onde o lugar do corte apenas gangrena e apodrece.

É dentro desses parâmetros racionais que Godofredo vai tentando conduzir os desfortunios da sua vida, não obstante toda sua profunda dor pelo que acontecera e pelo amor que ainda sente por Ludovina. Sua convicção de que fora traído maritalmente revela-se até nos seus sonhos, onde ele, em duelo, é

ferido no coração por Machado, sob o olhar de prazer e contentamento da sua esposa. E é por estar convencido de que aquela traição merecia uma reparação, que ele procura os seus dois melhores amigos, Carvalho e Teles Medeiros. Apesar do Carvalho, um graduado funcionário público, que teme ser testemunha num duelo que possa prejudicá-lo na repartição (inclusive na sua aposentadoria), Medeiros acha que só o sangue pode reparar tamanha ofensa.

E aqui Godofredo começa a pesar a extensão daquele ato na sua vida particular e comercial. Sem duvidar quanto a traição de que fora vítima, ele ouve com parcimônia os conselhos que lhe são dados para resolver aquele problema, soluções que devem fazer com que a sua imagem e a sua vida não saiam daquele episódio maculadas. Provando que as cartas de Ludovina nada mais são do que transcrições de trechos de obras românticas, a exemplo da *Dama das Camélias* (note-se, aqui, que Helvécio Rattton está aludindo à uma outra personagem de Eça, Luíza, d'*O Primo Basílio*, que era leitora de Alexandre Dumas), Nunes Vidal coloca a seguinte questão: se houve adultério, a espada é pouco; se não houve, mancharia a honra de Ludovina. O que de fato houvera entre Ludovina e Machado fora apenas um flerte; os dois apenas conversavam na sala e as cartas eram frutos de quem tinha uma vida ociosa. Mais: o filho que ela ali menciona e que desejaria tê-lo era dele, Godofredo. Enfim, não haveria duelo de espécie alguma. Logo, manter a firma com Machado seria uma maneira de tapar a boca do mundo e deixar tudo como dantes.

Diversamente da novela, em que Godofredo parece aceitar os argumentos dos amigos, no filme o nosso personagem continua em dúvida se tudo que acontecera fora apenas “conjectura”. Mas essa dúvida não o impede de manter uma certa racionalidade sobre os fatos, em detrimento de seus sentimentos. Passados seis meses da separação, ele, que nunca perdera o amor por sua esposa, toma uma decisão: entre permanecer enviando-a, em nome da boa aparência social, para temporadas na praia em companhia do seu pai, reata os seus laços de casamento e volta para Ludovina. E mais uma vez o seu grau de equilíbrio se manifesta quando da cena em que Ludovina recebe a carta da criada. Aqui, a carta não é a de uma senhora lhe agradecendo por uma esmola, mas daquela que estava criando o filho que Ludovina tivera nesse tempo em que esteve separada de Godofredo. Este, sem nada questionar, aceita o argumento de que o filho é seu. Talvez porque, antes de qualquer coisa, essa tinha sido a conclusão a que antes chegaram os seus amigos, seis meses antes, quando analisaram as cartas. E para não deixar dúvidas de que antes importa a tranqüilidade do lar e o sucesso financeiro, toma para padrinho da criança Machado e a sua esposa.

V

Mais do que uma obra cinematográfica baseada numa novela, o trabalho de Helvécio Ratton é uma leitura livre da obra de Eça, com direito a várias interferências no desenrolar dos fatos e, principalmente, com a liberdade de poder criar um final totalmente diverso daquele que fora pensado pelo autor de *Alves & Cia*. Porém, sem trair o espírito intelectual do escritor lusitano. Isso faz dessa película não somente um gênero artístico que foi concebido a partir de outro, mas também uma espécie de leitura crítica — mas não fazendo uso da forma escrita, a exemplo do ensaio, mas sim através de imagens em movimento — sobre o próprio objeto abordado. Nesta leitura, ao contrário do que desejaria Eça de Queirós, está a reafirmação bíblica de que “nada há de encoberto que não venha a ser descoberto, nem de oculto que não venha a ser revelado.” Só que para Helvécio Ratton, o sentido que Godofredo dá ao segredo que fora revelado passa menos pelos seus sentimentos do que pela forma como ele pensa em conduzir o seu destino a partir daquele momento. Godofredo parece que preferiu esquecer todas as lições de honra, apregoadas pela aristocrática moral romântica, em prol de uma burguesa e confortável vida amorosa e financeira.